

**ANÁLISE ACÚSTICA DA VOGAL /e/ NO ESPANHOL DA FRONTEIRA
JAGUARÃO/RIO BRANCO**

ACOUSTIC ANALYSIS OF /E/ IN SPANISH OF JAGUARÃO/RIO BRANCO

Adriana Nascimento Bodolay¹
Viviane Freitas Cunha²

RESUMO: O presente texto apresenta os resultados da pesquisa cujo objetivo foi o de comparar se falantes nativos do espanhol uruguaio, que tem o português brasileiro como segunda língua, realizam a pronúncia da vogal [ɛ] em contextos em que não estejam posicionadas antes das consoantes [r] e [χ] ou do ditongo [eɪ]. Foram gravados quatro informantes: três deles têm o espanhol como língua materna e o português como segunda língua e o outro tem o português como língua materna e o espanhol como segunda língua. O principal resultado obtido com este estudo foi o de que, diferentemente do que apontam estudos anteriores, identificamos, através de análise acústica, a realização da vogal [ɛ] em contextos diferentes daqueles apontados pela literatura.

PALAVRAS CHAVE: análise acústica; contato linguístico; vogais médias

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the results from a research which analyzed whether native speakers of Uruguayan Spanish who have Brazilian Portuguese as a second language pronounce the allophone [ɛ] in contexts where it isn't positioned before the consonants [r] and [χ] or the diphthong [eɪ]. Four informants were recorded: three of them have Spanish as their native language and Portuguese as a second language; the other informant has Portuguese as a native language and Spanish as a second language. The main result from this research was that, differently from what previous studies have pointed out, we identified through the acoustic analysis the realization of the allophone [ɛ] in contexts that varied from those presented by the literature.

KEYWORDS: acoustic analysis; linguistic contact; mid vowels

1 Introdução

Neste trabalho, analisamos a realização da vogal média /e/ aberta e fechada por falantes da fronteira Jaguarão (Brasil) e Rio Branco (Uruguai). Mais precisamente, detivemo-nos na análise da realização da vogal [ɛ] por nativos uruguaio que tenham o português brasileiro como segunda língua. O objetivo, com esta análise, foi o de observar a possível realização da vogal média alta na língua espanhola, bem como delimitar em quais contextos essa poderia ocorrer.

Ressaltamos que a literatura que trata da questão das vogais médias do espanhol (Navarro Tomás, 1918; Quilis, 1998; Planas, 2005; Celdrán e Planas, 2007) afirmam que tal sistema apresentava cinco fonemas /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, que se mantêm em quaisquer que sejam sua posição em uma palavra, seja ela tônica ou átona. Contudo, percebemos em análise auditiva preliminar que algumas palavras pronunciadas pelos falantes da fronteira Jaguarão/Rio Branco são realizadas com o fone [ɛ].

¹ Professora Adjunta da área de Língua Materna do curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão. E-mail: adrianabodolay@unipampa.edu.br

² Graduada em Letras Português/Espanhol na Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão. E-mail: freitas_viviane@hotmail.com

Para isso, buscamos analisar a configuração acústica do [e] e do segmento que supúnhamos ser [ɛ], observando as medidas de formantes F1 e F2. Como parâmetros, utilizamos as medidas de Maia (1986) para o Português e de Celdrán e Planas (2007) para o Espanhol.

2 As vogais do Espanhol

Se para o português brasileiro Mattoso Câmara Jr. (2008) demonstra um sistema de sete vogais orais em posição tônica, o sistema vocálico do espanhol é apresentado por Obediente (2007) como sendo constituído de cinco fonemas vocálicos. Como afirma Obediente (2007, p. 271), “este sistema vocálico, de una simplicidad extraordinaria, se basa en el grado de abertura y en la localización, únicos rasgos distintivos suficientes para definir cada uno de los fonemas vocálicos”. Comparando-o com o sistema vocálico do português brasileiro, portanto, não há ocorrência de vogais médias altas.

Referindo-se ao espanhol, comenta ainda Mattoso Câmara (2008 p. 39):

“Os falantes de língua espanhola tem, em regra, dificuldade de entender o português falado, apesar da grande semelhança entre as duas línguas, por causa dessa complexidade em contraste com a relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico do espanhol. Portugueses e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque se defrontam com um jogo de timbres vocálicos menor e menos variável que o seu próprio.”

A percepção de Mattoso Câmara é confirmada por Navarro Tomás (1918). Para este, o espanhol apresenta apenas cinco fonemas vocálicos (/i/, /e/, /a/, /o/, /u/) que se mantêm tanto em posição átona como tônica, estando no início, no meio ou no final da palavra (Navarro Tomás, 1918; Quilis, 1998; Planas, 2005; Martinez Celdrán, 2007). No entanto, seus estudos apontam variantes, dentre elas, o foco de nosso estudo, o fone [ɛ]. O quadro a seguir, publicado por Celdrán e Planas (2007), apresenta o sistema vocálico do espanhol e engloba essas variantes citadas por Navarro Tomás (1918).

Vocales	Anteriores	Centrais	Posteriores
	Altas cerradas	i	
Altas abiertas	í		ú
Semicerradas	e		o
Semiabiertas	ɛ		ɔ
Bajas o abiertas	ä	a	a

FIGURA 1—Quadro de sons vocálicos do Espanhol (Navarro Tomás, 1918)

Nesse quadro, que contém variantes possíveis no sistema vocálico espanhol, notamos semelhança com o quadro do português, pois temos vogais *semiabiertas*. Estudos como o de Quilis (1998) comprovam que a vogal /e/ pode se realizar de maneira mais aberta que o convencional

quando posicionada em sílaba tônica e anteposta às consoantes [r] e [χ]. Em outros contextos, consideramos o fator do contato linguístico o mais relevante, pois acreditamos que, caso o fone [ɛ] se realize em contextos diferentes dos apontados por Quilis (1998), isso aconteceria por influência do sistema vocálico do português.

Navarro Tomás (1918) afirma que existe ocorrência da vogal [ɛ] antes de [χ], no ditongo [e̞χ], em contato com [r] e em sílaba terminada por consoante que não seja [m, n, s, d, θ], sendo fechada nos demais contextos. Da mesma forma, para Obediente (2007), a abertura da vogal também é possível. Segundo o autor, o fonema /e/ pode realizar-se de duas formas: [e] e [e̞]. Afirma o autor que este último fone é um pouco mais aberto que [e], mas que, por outro lado, não chega ao timbre de [ɛ], podendo, portanto, aparecer em sílaba tônica, exceto se a consoante seguinte, na mesma sílaba, for nasal. Citando exemplos usados por Obediente (2007), temos: [ˈp̞e̞ine] e [ˈp̞es̞ca]. Fixando-nos neste último, podemos notar que os estudos deste autor comprovam a realização da vogal /e/ não-fechada em contexto em que a sílaba termina pela consoante [s]. Para Navarro Tomás (1918), isso não seria possível.

De acordo com Obediente (2007), as configurações acústicas de F1 e F2 para as vogais do espanhol são as seguintes:

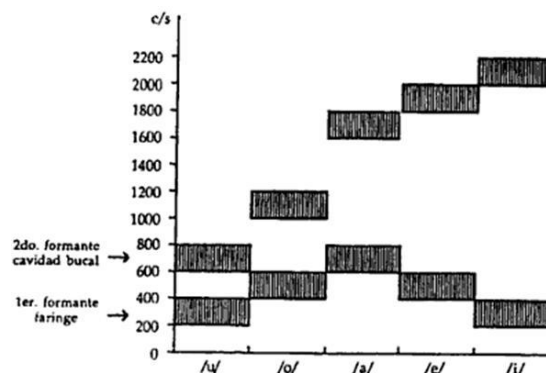


FIGURA 2 –Esquema de formantes das vogais do espanhol (Obediente, 2007, p. 272).

O estudo de Celdrán e Planas (2007) aponta a diferença para as médias de F1 e F2 da vogal média produzida por homens e mulheres. De acordo com Padilla e Déniz (2001), os valores médios da frequência dos formantes da vogal [e] do espanhol são, para a voz masculina 457Hz (F1) e 1926Hz (F2), e para a voz feminina 576Hz (F1) e 2367Hz (F2).

Para a voz masculina, Celdrán e Planas (2007) ainda trazem os limites dos campos de dispersão das vogais obtidas com um estudo realizado com dez informantes; cinco homens e cinco mulheres, universitários falantes do espanhol padrão. Segundo Celdrán e Planas (2007): “los datos que ofrecemos no son absolutos, son una muestra orientativa obtenida empíricamente.” Apesar de

sabermos que estes valores não são incondicionais, guiar-nos-emos por eles. Os valores obtidos por Celdrán e Planas (2007) são os seguintes:

	i	e	a	o	u
Límites F1	256-370	379-535	536-862	385-604	275-423
Límites F2	1.900-2.500	1.700-2.150	1.306-1.635	847-1.293	626-1.127

FIGURA 3 -Limites dos campos de dispersão das vogais masculinas (Celdrán e Planas, 2007, p. 181)

Ressaltamos que, se os dados do informante de sexo masculino apontarem para valores superiores aos apresentados pelos autores, podemos considerar a possibilidade de realização de vogais médias abertas no espanhol, no que se refere à variante falada em Rio Branco. Vale frisar que, além desse aspecto, pretendemos analisar também em que contextos a vogal média [ɛ] poderia ocorrer, diferentemente do que aponta a literatura.

3 Metodologia

Os dados analisados nesta pesquisa foram os obtidos com a gravação dos *corpora*, formado por 96 frases, em espanhol e 24 no português, lidas por quatro informantes. O procedimento de gravação das frases em português se justifica pelo fato de fornecer parâmetro para comparação dos valores de F1 e F2 das vogais que constituíram foco deste estudo, uma vez que não existem trabalhos que analisem acusticamente as vogais do dialeto falado na fronteira Jaguarão/Rio Branco. Destas frases, extraímos as palavras que eram o foco de nosso estudo.

Os *corpora* da pesquisa compõem-se de duas listas de frases, uma em espanhol e outra em português, sendo esta formada por pares mínimos daquela em que a vogal /e/ esteja no contexto mais próximo da palavra em espanhol. Assim temos:

TABELA 1: Composição dos *corpora*

Contextos	Português	Espanhol
Seguida de consoante nasal	Violência, paciente, rente,	Violencia, acento, gente
Encontros vocálicos	Coentro, cuera, pfer, viela, Pietro, hiena, seis	Sueño, fuerte, hierro, cielo, piedra, tienda, seis
Em sílaba terminada por [s, r, l, k]	Infecção, selvagem, vice-versa, comer, varrer, perca, nascer, flores, resto, pescado, neste	Perfecto, selva, viceversa, comer, mujer, cerca, hacer, floresta, resto, pesca, peste
Final de sílaba	Rema, enterro, bicicleta	Gema, tejo, bicicleta

Cada uma destas palavras foi impressa em fichas e mostradas aos informantes. O informante deveria inseri-las na frase padrão “Digo (...) três vezes” e lê-la para gravação.

Foram gravados dados de quatro informantes, todos moradores da fronteira Jaguarão/Rio Branco, sendo dois homens e duas mulheres, todos adultos, de faixa etária entre 25 e 45 anos. Todos os informantes não estiveram fora da cidade nos últimos 10 anos. Os informantes que têm

como língua materna o espanhol e o português como segunda língua fizeram a leitura do corpus somente em espanhol e a informante que tem o português como língua materna e o espanhol como segunda língua fez a leitura integral dos *corpora*, para que pudéssemos fazer a análise e a comparação entre as vogais fechadas (ou semi-abertas) do espanhol com as abertas do português.

A gravação foi editada, totalizando, para cada informante, vinte e quatro arquivos sonoros em formato *wave* a serem analisados. Ao total, cento e vinte palavras foram acusticamente analisadas no Praat 5.1.43.

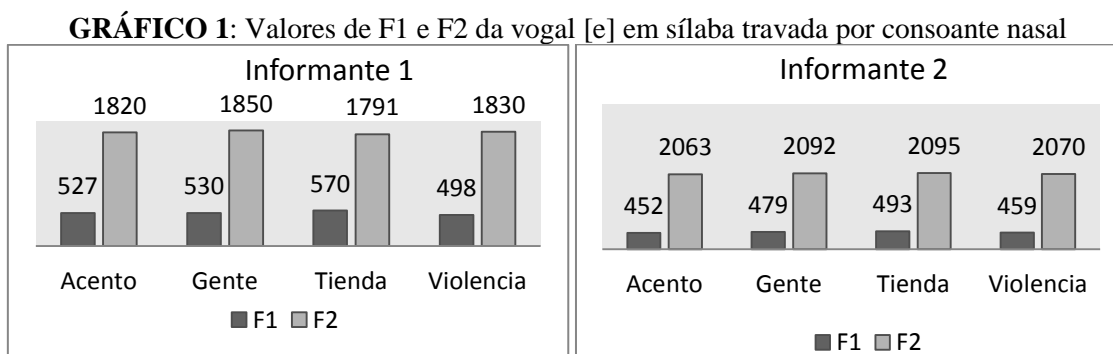
A gravação foi realizada com cada informante em local silencioso e ao ar livre, para evitar reverberação da onda sonora. Foi feita a leitura de vinte e quatro frases em que a vogal /e/ aparecesse, em espanhol, na sílaba tônica. Como os pares mínimos formados a partir do corpus em espanhol foram usados principalmente para comparação, as palavras do *corpus* em português não contam, necessariamente, com a vogal /e/ na sílaba tônica.

Os dados foram armazenados em um gravador RR-US550 e foram, posteriormente, editados e analisados no *software* Praat, versão 5.1.43, de maneira a verificar se a configuração acústica da vogal estudada. Tais valores foram obtidos através da ferramenta *formantlisting*, do Praat. O cálculo das médias foi feito no programa Excel.

4 Análise e discussão dos resultados

Começaremos pela discussão dos dados obtidos para a voz masculina. Como estamos nos apoiando nos estudos de Celdrán e Planas (2007), temos que o intervalo de formantes da vogal /e/ na voz do homem é: de F1, entre 379 e 535 e de F2, entre 1700 a 2150.

Para uma melhor visualização, agrupamos os resultados das palavras em que a vogal /e/ estivesse em contextos semelhantes. Portanto, teremos [e] em sílaba travada por consoante nasal, por /r/, por [s, θ], por [k], em ditongo crescente e decrescente, em final de sílaba e precedida de consoante líquida. A seguir, poderemos ver os valores de F1 e F2 obtidos nestes distintos contextos, com os informantes 1 e 2.



Observando o gráfico referente ao informante 1, temos os valores dos formantes conforme o estudo de Celdrán e Planas (2007). Por outro lado, o informante 1 realiza o fone [ɛ] diante de /n/, fato que, de acordo com os estudos de Navarro Tomás (1918) não ocorreria. É provável que o fator nasalidade influencie na modificação de formantes, o que explicaria tais ocorrências. O espectrograma da palavra *tienda*, que é pronunciada com maior grau de abertura que as demais palavras travadas por /n/, encontra-se a seguir e é nítida a marcação dos formantes, onde o primeiro se eleva e o segundo se rebaixa denotando alto grau de abertura:

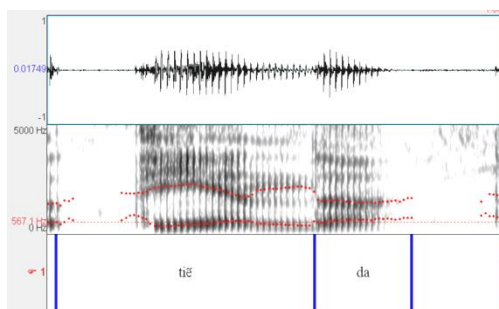
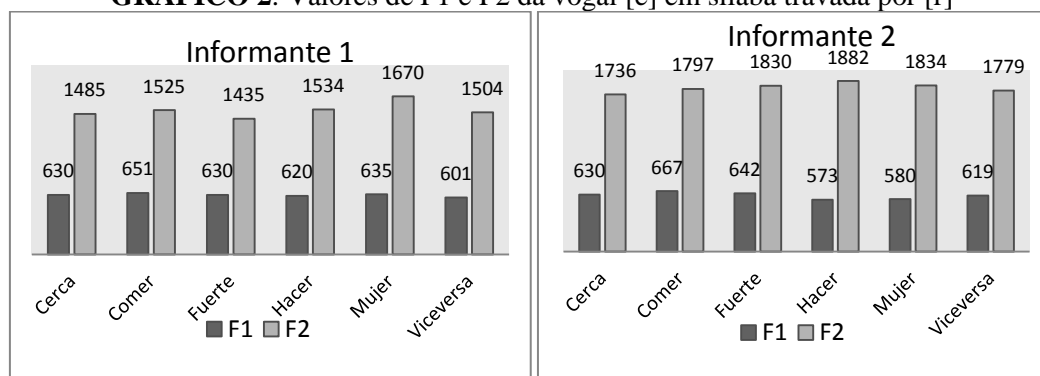


FIGURA 4 –Oscilograma, espectrograma e transcrição da palavra *tienda*, produzida pelo informante 1.

No que se refere ao contexto em que a vogal [e] vem em sílaba travada por [r], a possível abertura da vogal em questão é bastante provável, segundo Navarro Tomás (1918) e Quilis (1998). Os dados obtidos confirmam essa ocorrência, conforme apresentamos no gráfico 2, a seguir:

GRÁFICO 2: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em sílaba travada por [r]



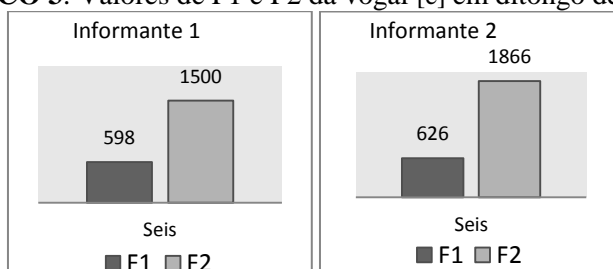
Como afirma Planas (2007, p.135):

“las vocales medias /e, o/ se realizan un poco más abiertas ([ɛ] [ɔ]) ante [x] o [χ], cuando forman parte de los diptongos decrecientes [ei] [ɔi], en contacto con /r/ y en toda sílaba travada, excepto en el caso de la vocal anterior cuando la consonante que cierra la sílaba es una de éstas: [d, θ, m, n, s].

De fato, como é possível observar no gráfico 2, as ocorrências de [e] em sílaba travada por [r] se deram com valores de F1 superiores a 535 Hz e de F2 inferiores, mas não em todos os casos, a 1700 Hz, o que comprova a abertura da vogal média. Ainda referindo-nos à citação de Navarro

Tomás (1918), temos que as vogais médias podem realizar-se abertas quando formam ditongo decrescente. Para a palavra *seis*, obtivemos a seguinte configuração acústica:

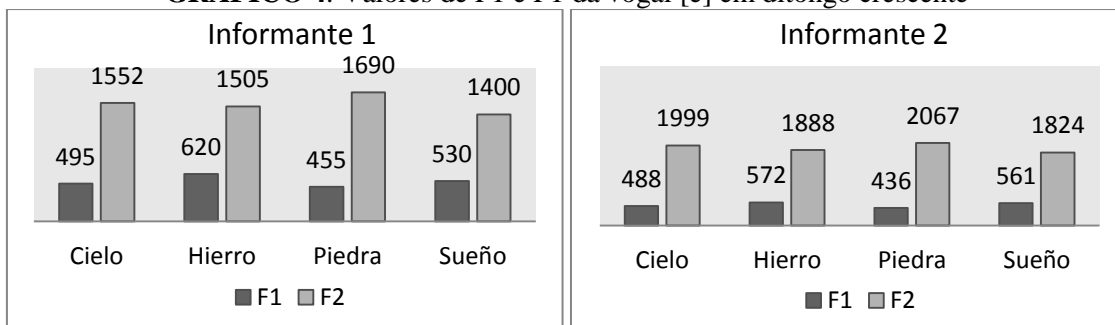
GRÁFICO 3: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em ditongo decrescente



Observamos mais uma vez que os resultados de nosso estudo condizem com as afirmações de Navarro Tomás (1918), pois o ditongo [eɪ] é realizado, por ambos informantes, com valores formânticos que estariam dentro do campo de dispersão de [ɛ] para o Português, segundo Maia (1986).

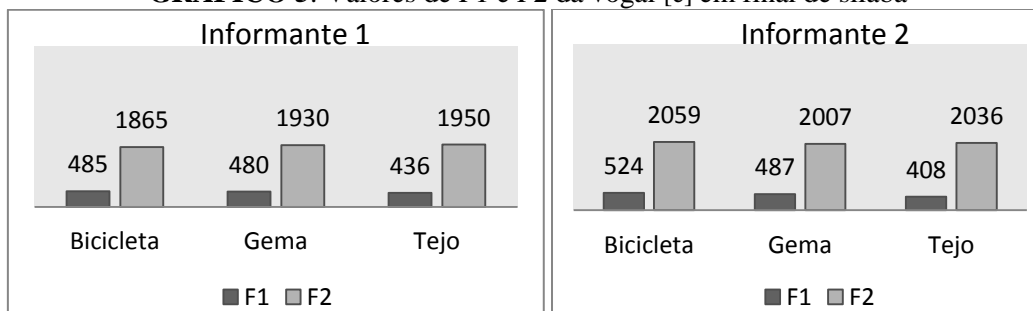
Quanto à ocorrência da vogal [e] em ditongos crescentes, o estudo de Navarro Tomás (1918) não menciona possível abertura, no entanto, nossa análise mostra valores que se assemelham à configuração acústica mais próxima de [ɛ] que de [e] nas palavras *hierro* e *sueño*, tanto ditas pelo informante 1 quanto pelo informante 2.

GRÁFICO 4: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em ditongo crescente



Quanto à vogal [e] em sílaba livre, consideramos como elemento modificador a consoante que a segue. Os resultados são apresentados no gráfico 5 a seguir:

GRÁFICO 5: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em final de sílaba

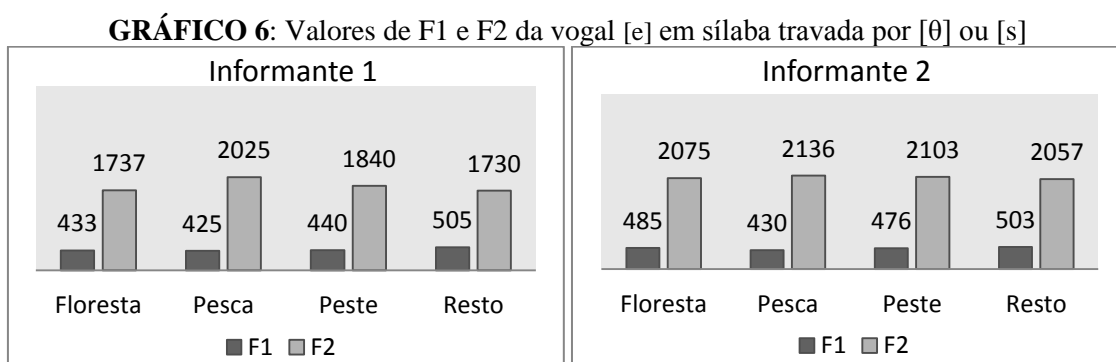


Nesses contextos, os valores obtidos através da análise acústica se encontraram dentro do campo de dispersão que compreende a configuração acústica da vogal [e]. Dessa mesma forma, [e],

em sílaba travada pela lateral [l], também apresentou medidas acústicas dentro do campo de dispersão da vogal [e], apresentado por Celdrán e Planas (2007).

A palavra *perfecto*, segundo Navarro Tomás (1918), pode ou não apresentar grau de abertura elevado, dependendo do falante. O informante 1 realiza a abertura e o informante 2 mantém a realização como [e].

O último conjunto de palavras analisadas da voz masculina compreende a vogal [e] travada por [θ] ou [s]. Salientamos essa diferença de alofones, pois o informante 1 realiza [s] e o informante 2 realiza [θ]. No entanto, para Navarro Tomás (1918), a vogal [e], diante de qualquer um destes dois fonemas, não ocorreria abertura. Os valores que obtivemos são apresentados no seguinte gráfico:



Os resultados por nós obtidos condizem com os de Navarro Tomás (1918), ou seja, os valores da configuração acústica destas palavras não são superiores a 535Hz para F1 e nem inferiores a 1700Hz para F2.

No que se refere à análise dos dados obtidos com a gravação das informantes, vale notar que as medidas acústicas para a voz feminina são superiores às da voz masculina. Para ilustrar essa diferença de frequência, apresentamos o seguinte gráfico proposto por Celdrán e Planas (2007), no qual podemos notar os valores de primeiro e segundo formantes e as diferenças entre a voz de homens e mulheres.

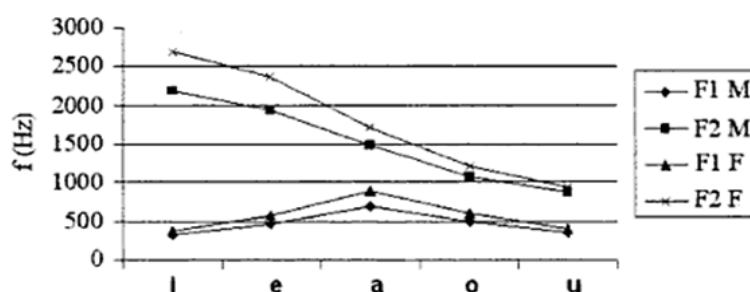


FIGURA 5 –Relação de F1 e F2 das vogais do Espanhol (Celdrán e Plana, 2007, p. 183)

Para o fone [e], adotaremos, então, medidas superiores a estas apresentadas por Celdrán e Planas (2007), que não devem superar 600 Hz para F1. Analisamos os dados apoiados também nos

estudos de Padilla e Déniz (2001), o qual apresenta as seguintes médias de primeiro e segundo formantes obtidos com análise da voz feminina: 576Hz para F1 e 2367Hz para F2.

Podemos observar que os valores são semelhantes aos apresentados na figura 5. Portanto, consideraremos realização do fone [ε], para efeito de análise, aqueles em que constarem, para F1, valores superiores a 600 Hz. Para F2, consideraremos, para a realização do fone citado, valores inferiores a 2000 Hz.

Antes de apresentarmos os resultados, mostraremos os valores obtidos com a análise do corpus em português, pela informante 3, afim de nos certificarmos de que a vogal [ε] tem valores próximos àqueles com os quais vamos trabalhar. Os valores obtidos com a análise das palavras do *corpus* em Português lido pela informante foram os seguintes:

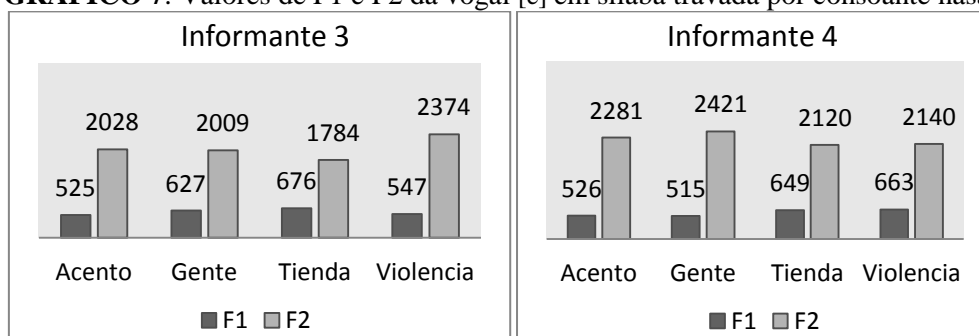
TABELA 2
Valores de F1 e F2 de [ε] na fala da informante 3

Palavras analisadas do <i>corpus</i> em Português	Informante 3	
	F1	F2
Bicicleta	667	2082
Resto	751	2093
Vieira	738	2066
Vice-versa	706	2124
Média	716	2091

Como esperado, os valores de F1 situam-se acima de 600 Hz. Os valores de F2, apesar de não estarem abaixo de 2000 Hz não superam os 2200 Hz que são os esperados para [e]. Portanto, nosso estudo pode continuar se apoiando nos valores citados anteriormente.

Da mesma maneira como fizemos com a voz masculina, dividimos as palavras em conjuntos, conforme o contexto em que se encontra a vogal [e]. Analisamos as palavras em que a vogal [e] aparece em sílaba travada por consoante nasal, por [r], por [θ], por [k], em ditongo crescente e decrescente, em final de sílaba e precedida de consoante líquida. A seguir, poderemos ver os valores de F1 e F2 obtidos nestes distintos contextos, para as informantes 3 e 4.

GRÁFICO 7: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em sílaba travada por consoante nasal



Vale observar que as palavras *gente*, *tienda* (informante 3), *tienda* e *violência* (informante 4) se configuram acusticamente com valores de F1 superiores a 627 Hz. Por outro lado, as palavras *gente* (informante 3), *tienda* e *violencia* (informante 4) possuem configuração acústica superior a 2000 Hz, para o segundo formante. Nestes casos, consideramos realização de vogal semi-aberta, representada por [ɛ̃].

Se, no entanto, voltamos nossa atenção para a análise dos valores de F1 e F2 da palavra *tienda*, realizada pela informante 3, averiguamos que esta é verdadeiramente vogal aberta, realizada, no idioma espanhol, como alofone [ɛ]. Com este resultado, mais uma vez, comprovamos algo diferente do que Navarro Tomás (1918) apresenta no seu estudo, que é a realização deste alofone diante de uma consoante nasal. Observemos o espectrograma da palavra citada:

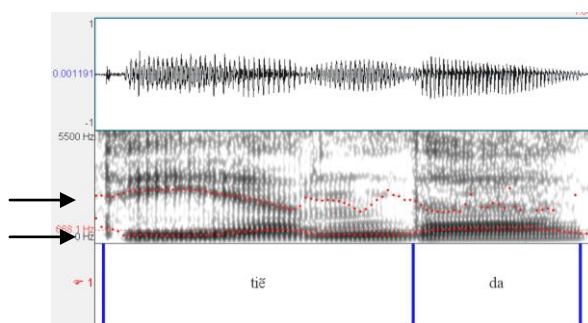


FIGURA 61- Oscilograma, espectrograma e transcrição da palavra *tienda*, produzida pela informante 3

Nesse caso, temos dois fatores que podem influenciar na abertura desta vogal: o primeiro deles seria a presença da consoante nasal que a segue e o outro seria o ditongo crescente. O que podemos observar claramente no espectro da palavra é a abertura da vogal /e/, exatamente onde a linha que marca o primeiro formante se eleva, e a que marca o segundo declina. Para melhor visualização, retiramos o espectro e deixamos os formantes, como é possível observar na parte selecionada da figura que segue:

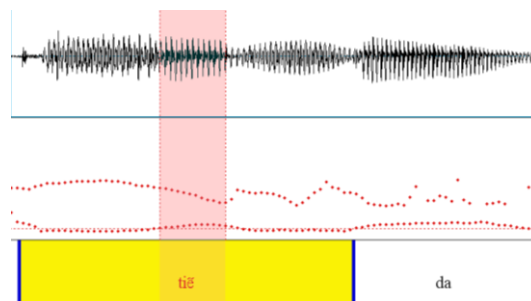


FIGURA 7 -Configuração dos formantes 1 e 2 da palavra *tienda*, produzida pela informante 3

A seguir, apresentamos os resultados obtidos com a análise da vogal [ɛ] em sílaba travada por [r]. Como já afirmamos, neste contexto, a probabilidade da ocorrência do alofone é grande. Nosso estudo, no que se refere à análise da voz feminina, reafirma esse fato.

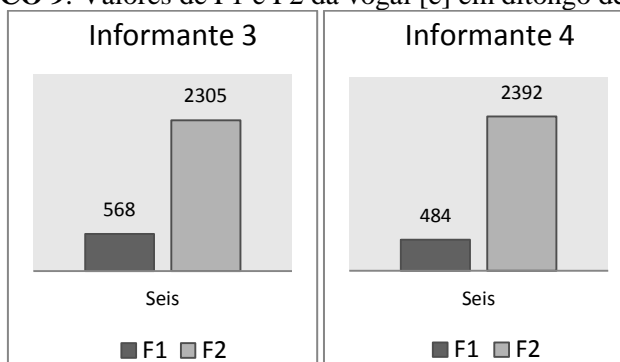
GRÁFICO 8: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em sílaba travada por [r]



Diante de [r], é possível observar que a informante 3 realiza tanto a vogal aberta como fechada, ao passo que a informante 4 realiza a vogal aberta e semi-aberta em todos os casos. Mais uma vez, o valor de F2 é importante para situarmos a vogal entre fechada, semi-aberta ou aberta, pois a configuração acústica deste formante, quando superior a 2000 Hz, indica menor grau de abertura. Nesses casos, consideramos abertas as vogais das palavras *comer*, *fuerte*, *vice-versa* (informante 3), *fuerte* e *vice-versa* (informante 4).

A próxima palavra a ser analisada é a palavra *seis*. Vale ressaltar que, diferente dos homens, que a realizaram como [sɛ̃ɪ̃s], as mulheres produziram como [sẽɪ̃s]. No gráfico a seguir, apresentamos os resultados:

GRÁFICO 9: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em ditongo decrescente

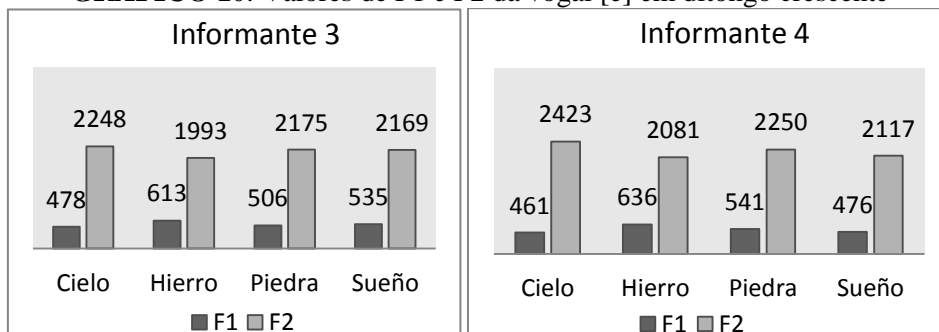


Como estamos fazendo comparações entre os resultados aqui obtidos e os apresentados por Navarro Tomás (1918), é importante ressaltar que não encontramos menção sua que fizesse diferenciação sobre a ocorrência de abertura da vogal estudada, quando em ditongo decrescente, entre a voz masculina e feminina. O que sabemos, quanto a este contexto, é que, assim como acontece com [e] em sílaba travada por [r], os falantes tanto podem optar pela abertura quanto pelo fechamento da vogal.

Quanto aos ditongos crescentes, assim como na análise da fala masculina, não verificamos a realização do alofone [ɛ̃], no entanto, os valores de primeiro e segundo formantes obtidos com a

análise da palavra *hierro* (informantes 1 e 2) apontam para um outro alofone, que é [ɛ], ou seja, uma vogal semi-aberta.

GRÁFICO 10: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em ditongo crescente



Assim como ocorreu com a palavra *tienda* (informante 3), a palavra *hierro* (informante 4) também mostra, no espectrograma, a elevação do primeiro formante e o declínio do segundo no ditongo [ɪ̯e].

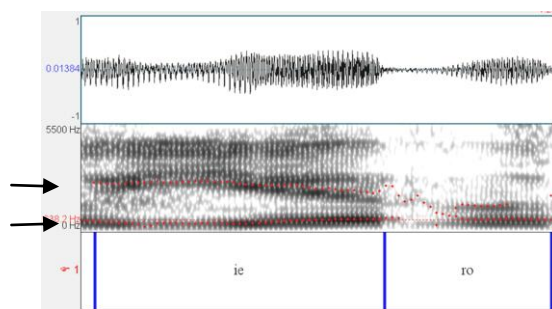
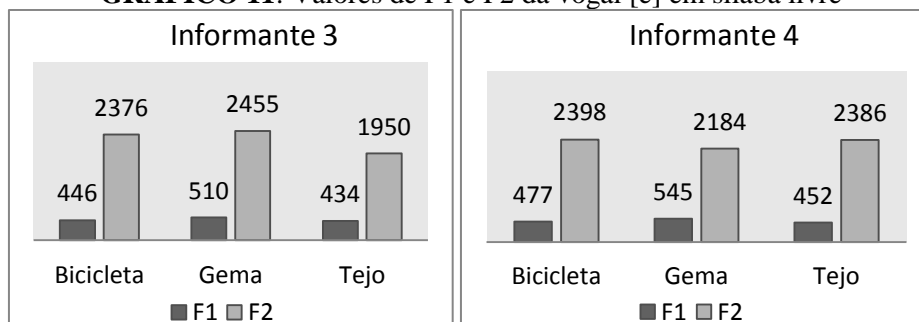


FIGURA 8 -Oscilograma, espectrograma e transcrição da palavra *hierro*, produzida pela informante 4

O próximo grupo de palavras analisadas se refere às palavras em que a vogal [e] aparece em sílaba livre. Os valores obtidos para primeiros e segundos formantes nestes casos não indicam ocorrência de abertura, tampouco apontam para valores de semi-abertura. O que temos são realizações como [e]. O gráfico a seguir ilustra os resultados obtidos:

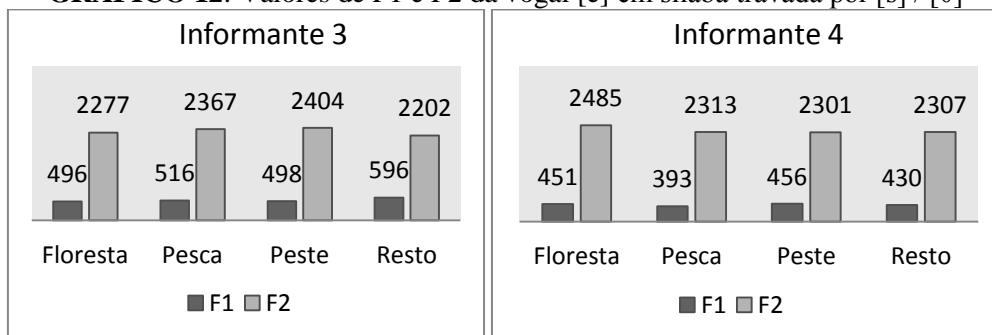
GRÁFICO 11: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em sílaba livre



Como afirmamos, quando da análise da voz masculina, os estudos de Navarro Tomás (1918) não identificaram abertura da vogal /e/, quando esta vem seguida de [s] ou do alofone [θ]. Nosso

estudo, da mesma forma, não averiguou valores formânticos que estivessem dentro dos campos de dispersão de [ɛ] ou de [ɛ̃], ou seja, todas as ocorrências apresentaram-se como vogais fechadas.

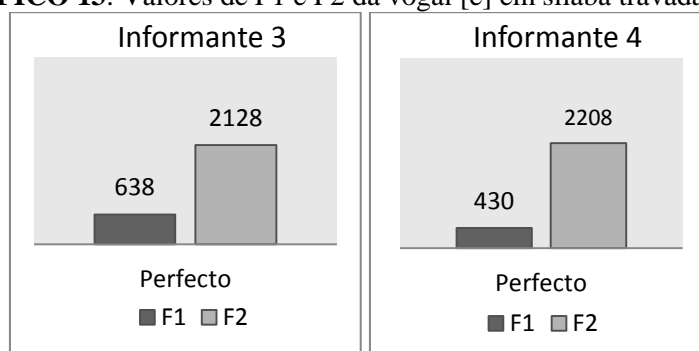
GRÁFICO 12: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em sílaba travada por [s] / [θ]



Por fim, fizemos a análise das palavras em que a vogal e se encontra em sílaba travada pela lateral [l] e pela oclusiva [k].

Os estudos pelos quais estamos nos guiando apresentaram os seguintes resultados: em contextos em que a vogal [e] aparece em sílaba travada por [l] não houve realização dos alofones [ɛ, ɛ̃]. No entanto, quanto ao contexto em que a vogal aparece em sílaba travada pela oclusiva [k], esses estudos afirmam que a ocorrência seria possível. No nosso caso, obtivemos como resultado valores da vogal /e/ fechada, em relação as informantes 3 e 4, no caso da lateral [l]. No caso da oclusiva [k], os resultados obtidos são expostos no gráfico a seguir:

GRÁFICO 13: Valores de F1 e F2 da vogal [e] em sílaba travada por [k]



É possível observar que a informante 3 realiza um maior grau de abertura que a informante 4. No entanto, os valores, especialmente o de F2, não são semelhantes ao do fone [ɛ]. Temos esta, portanto, como vogal semi-aberta, transcrita da seguinte maneira: [per'fɛ̃kto].

6 Considerações finais

Este trabalho buscou comprovar a ocorrência do fone [ɛ] na fala de habitantes da fronteira Jaguarão/RS – Rio Branco/Uy por nativos uruguaios, que tenham como segunda língua o português.

Como é sabido, estudantes de espanhol como língua estrangeira têm como orientação quanto à pronúncia das vogais médias, que elas não se realizam de forma aberta, como no português. Portanto, ensina-se que devemos pronunciar fechadas essas vogais em todos os contextos.

Esse fato, segundo os teóricos nos quais nos baseamos para a elaboração deste trabalho, caracteriza a standardização do espanhol. Ou seja, no espanhol dito padrão, as vogais médias /e, o/ devem realizar-se fechadas: [e, o]. Por outro lado, nessa fronteira em que convivem uruguaios e brasileiros, observamos que alguns falantes pareciam realizar a vogal /e/ semi-aberta e até mesmo aberta; portanto, teríamos [ɛ̃, ɛ].

O primeiro fato que nos chamou atenção foi a de que estudos anteriores (Navarro Tomás, 1918; Quilis, 1998; Obediente, 2007; Celdrán e Planas, 2007) já haviam identificado variantes para as vogais médias do espanhol. O segundo fato foi o de que essas variantes só se realizariam em contextos específicos. No caso da vogal /e/, as variantes [ɛ̃, ɛ] poderiam ser realizadas quando a vogal /e/ ocorresse nos contextos seguidos de [r] e [χ], estivesse no ditongo [eɪ̯] ou estivesse em sílaba terminada por consoantes que não fossem [m, n, s, d] ou o alofone [θ].

De modo a observarmos o fenômeno descrito, o que fizemos foi convidar nativos uruguaios à leitura de palavras em que a vogal /e/ aparecesse em contextos que achávamos interessante analisar. Depois de gravados e analisados os dados, obtivemos resultados que condizem com os estudos nos quais nos baseamos. No entanto, mais do que isso, conseguimos identificar, na fala de habitantes desta fronteira, o abaixamento da vogal, que passaria, na oralidade, de [e] para [ɛ̃] ou [ɛ] em outro contexto, além daqueles citados por estudos anteriores.

Nosso principal resultado foi a verificação da ocorrência do alofone [ɛ] em palavras cuja vogal /e/ venha em sílaba tônica terminada por consoante nasal. Dessa forma, as palavras *tienda*, *gente* e *violencia* foram realizadas com o referido alofone.

Se, por um lado, verificamos a ocorrência do alofone em contexto o qual estudos anteriores afirmavam não ocorrer, por outro lado, neste contexto, a hipótese lançada de que isso aconteceria por influência do português brasileiro parece não ser cabível, pois, ao passo que os nativos uruguaios são vizinhos de um país que tem o sistema vocálico formado por vogais médias baixas /ɛ, ɔ/, essas vogais não se realizam diante de consoantes nasais, ao menos não no dialeto sul-riograndense.

Nossa hipótese de que, nesta fronteira, haveria realização de vogais médias abertas foi corroborada e nosso objetivo de identificar essas aberturas em contextos diferentes dos mostrados por estudos anteriores foi alcançado. Seria interessante fazer um estudo semelhante a este, que

contasse com palavras em que as vogais /e, o/ aparecessem em sílaba travada por consoante nasal, tendo como informantes nativos uruguaios habitantes de zonas distantes da fronteira, assim, se não fossem identificadas realizações dos alofones [ɛ̃, ɛ,] ou [ɔ̃] teríamos o argumento de que o fator que fez com que os habitantes da fronteira Jaguarão/RS – Rio Branco/Uy realizassem essas vogais foi a influência do idioma português, caso contrário, saberíamos que há outro fator ligado a essas ocorrências.

Por fim, depois do estudo que realizamos, acreditamos ser relevante aceitar as variantes como enriquecedoras, seja de uma língua, seja de um dialeto, pois, significam a identidade de um grupo, de um estado ou de um país. Com o contato linguístico, surgem novas maneiras de falar, que merecem ser analisadas pelos estudiosos dessa área.

Referências bibliográficas

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CELDRÁN, Eugenio Martinez, PLANAS, Ana María Fernández. *Manual de fonética española: articulaciones y sonidos de español*. Barcelona: Ariel, 2007.

MAIA, Eleonora Motta. *No reino da fala: a linguagem e seus sons*. São Paulo: Ática, 1986.

NAVARRO TOMÁS, Tomás. *Manual de pronunciación española*. Madrid: Sucesores de Hernando, 1918.

OBEDIENTE, Enrique. *Fonética y fonología*. Mérida: Universidad de los Andes, 2007.

PADILLA, José Antonio Samper, DÉNIZ, Magnolia Troya. “Valores formánticos de la /e/ en sílaba abierta en la norma culta de Las Palmas de Gran Canaria”. In: *Estudios de fonética experimental*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2001.p. 41-66.

PLANAS, Ana María. Fernández. *Así se habla: nociones fundamentales de fonética general y española*. Barcelona: Horsori, 2005.

QUILIS, Antonio. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco/Libros, 1998.